

Comentário ao Evangelho de São Lucas

SANTO AMBRÓSIO

**COMENTÁRIO AO EVANGELHO
DE SÃO LUCAS**

TRADUÇÃO:
LUCIANO ROUANET BASTOS



PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Expositio evangelii secundum Lucam*

Tradução e notas: Luciano Rouanet Bastos (da edição crítica preparada por M. Adriaen para o Corpus Christianorum – Series Latina, vol. 14, 1957)

Coordenação editorial, revisão de tradução e introdução: Heres Drian de O. Freitas

Direção editorial: *Fr. Darlei Zanon*

Gerente de design: *Danilo Alves Lima*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *André Tadashi Odashima*

Diagramação: *Karine Pereira dos Santos*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ambrósio, Santo, Bispo de Milão, m. 397.
Comentário ao Evangelho de São Lucas / Santo Ambrósio; tradução de Luciano Rouanet Bastos. – São Paulo: Paulus, 2022. (Coleção Patrística)

ISBN 978-65-5562-759-6
Título original: *Expositio evangelii secundum Lucam*

1. Bíblia - N.T. - Evangelho de São Lucas I. Título II. Bastos, Luciano Rouanet III. Série

22-6021

CDD 226.4

Índice para catálogo sistemático:
1. Bíblia - N.T. - Evangelho de São Lucas



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-759-6

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos não exaustiva,

cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

6 Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo “patrologia” designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras

de escritores leigos. Por “patrística” se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus

textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber, *Patrologia*, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

Embora, geralmente, cada texto publicado seja único, não de toda obra publicada se diz que seja tal. Elementos específicos, não preestabelecidos, fazem com que certas obras recebam esse qualificativo. Isso é o que sublinhamos imediatamente quanto à obra que o leitor tem em mãos: a *Expositio evangelii secundum Lucam*, aqui traduzida como *Comentário ao Evangelho de São Lucas* – doravante *Com. Lc.* –, é singular.¹

No conjunto das obras exegéticas de Santo Ambrósio, que prefere comentar personagens, salmos e fatos veterotestamentários, o *Com. Lc.* é a única dedicada a um livro neotestamentário² – talvez porque o Bispo de Milão tenha se sentido próximo à mentalidade e disposições de ânimo de São Lucas, tal como emergem do texto de seu evangelho, particularmente na conciliação de elementos como misericórdia e justiça, vigor e ternura, acolhida do pecador e condenação do pecado, bem como na atenção à leitura da

¹ G. COPPA, “Introduzione”, em SANT’AMBROGIO, *Esposizione del Vangelo secondo Luca*, 2 vol., Milano/Roma: Biblioteca Ambrosiana/Città Nuova [Sancti Ambrosii Episcopi Mediolanensis Opera 11 et 12], vol. 1 [11], 1978, p. 9-75, p. 9; J. E. NIEDERHUBER, “Vorbemerkungen”, em AMBROSIUS von MAILAND, *Lukaskommentar* (mit Ausschluss der Leidensgeschichte), München: Kösel [Bibliothek der Kirchenväter 21], 1915, p. 1; F. SPADAFORA, “Introduzione: L’Esegeta”, em SANT’AMBROGIO, *Commento al Vangelo di san Luca*, 2 vol., Roma: Città Nuova, vol. 1, 1966, p. 21-31, p. 23.

² Isso não significa que o Bispo de Milão ignorasse os textos do Novo Testamento; pelo contrário, esses são para ele como que o “florescimento copioso do Antigo Testamento” (G. COPPA, *op. cit.*, p. 10), e frequentemente os cita ao comentar textos deste último.

própria realidade. Isso de modo a refletir, numa obra rica, vasta e complexa, talvez como em nenhuma outra, o caráter e o estilo de Ambrósio.³ Além disso, o *Com. Lc. ambrosiano* é o primeiro comentário ao terceiro evangelho no mundo latino⁴ e será base da devoção à humanidade de Cristo, na mística medieval.⁵

³ Cf. G. COPPA, *op. cit.*, p. 10-11.

⁴ E. PERETTO, “Luca evangelista”, em A. DI BERARDINO (dir.), *Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*, 3 vol., Genova/Milano: Marietti, vol. 2, 2006 – doravante NDPAC –, colunas 2916-2926, col. 2924. Ambrósio é precedido por somente dois comentários a Lucas no Oriente, o de Orígenes e o de Tito de Bostra. Do comentário deste último – quer ele tenha comentado inteiramente (cf. E. PERETTO, *art. cit.*, col. 2923), quer só parcialmente (cf. C. SCHMIDT, “Tito di Bostra”, em S. DÖPP e W. GEERLINGS, *Dizionario di letteratura cristiana antica*, Vaticano/Roma: Urbaniana Press/Città Nuova, 2006, p. 832-833, p. 832) o evangelho – não chegaram até nós mais que fragmentos. Além desses, também do período patristico temos os comentários de Cirilo de Alexandria, de Beda e de um anônimo irlandês (séc. VIII). Acerca de tais obras, veja-se E. PERETTO, *art. cit.*, col. 2923-2026; quanto à presença do Evangelho de Lucas na literatura patristica dos séc. II-IV, veja-se *ibid.*, col. 2918-2920.

⁵ E. PERETTO, *art. cit.*, col. 2024. Não foi preciso, porém, esperar muito para que a obra fosse lida, e avaliada. JERÔNIMO, “Prólogo” a ORÍGENES, *Comentário ao Evangelho de Lucas* [PatrPaulus 34, 2016], menciona o fato de Paula e Eustóquio terem lido o *Com. Lc. ambrosiano* – sem o mencionar, mas era o único em circulação na região –, e, sem oferecer qualquer razão para isso, expressa uma opinião negativa quanto a seu conteúdo. Mais que a questões doutrinárias, porém, isso pode dever-se a questões pessoais (cf. A. PAREDI, “S. Gerolamo e S. Ambrogio”, em *Mélanges Eugène Tisserant*, 7 vols., Biblioteca Apostólica Vaticana [Studi e Testi 235], 1964, vol. 5 [Archives vaticanes d’histoire ecclésiastique], p. 183-198), afinal, pouco mais tarde, AGOSTINHO, *De gratia Christi et de peccato originali* 1,48-51 e 2,48 [CSEL 42,160-162 e 206] e *De dono perseverantiae* 49 [PL 45,1024], por exemplo, invoca, durante a polêmica pelagiana, a referida obra ambrosiana como documento cujo conteúdo reflete a fé da Igreja. Mais tarde ainda, CASSIODORO, *De institutione divinarum litterarum* 7 [PL 70,1119], na recomendação de leituras a seus monges, apresenta um elenco dos melhores comentários bíblicos, entre os quais o ambrosiano é o indicado para S. Lucas. Quase dois séculos depois, o venerável Beda, antes de dedicar-se a sua própria *In Lucae evangelium expositio* [PL 92,301-634], elogiou a de Ambrósio e usou-a como modelo (*ibid.*, 301-304). A obra continuou a suscitar interesse e a ser usada como fonte segura de doutrina ao longo dos séculos – citam-na Duns Escoto e Tomás de Aquino, por exemplo (cf., com muitas indicações mais, G. COPPA, *op. cit.*, p. 13-17. Vejam-se também J.E. NIEDERHUBER, *op. cit.*, p. 4; G. TISSOT, “Introduction”, em AMBROISE DE MILAN, *Traité sur l’Évangile de S. Luc*, 2 vol.,

Título, gênero, datação

Jerônimo por duas vezes se refere a esta obra ambrosiana como comentário (*comentarius*),⁶ aparentemente sem preocupar-se com seu título; talvez simplesmente “localizando-a” na grande categoria do comentário bíblico, que se pode – muito genericamente – definir “como uma obra dedicada à ilustração sistemática de um livro inteiro da Bíblia ou de uma seção orgânica deste, e composta interpretando o texto sacro versículo por versículo”.⁷ Independentemente do uso jeronimiano, porém, o *comentário* do título em português corresponde a essa definição e a exprime. É nesse

11

Paris: Cerf [*Sources Chrétiennes* 45], vol. 1, 1956, p. 33-36; M. GARRIDO BONAÑO, “Introducción”, em *Obras de San Ambrosio. Tratado sobre el Evangelio de San Lucas*, Madrid: La Editorial Católica [BAC: Biblioteca de Autores Cristianos], 1966, p. 3-37, p. 13 e 34-35). Único ponto de reprovação da obra parece ter sido a defesa ambrosiana, em *Com. Lc.* 10,74-87, da negação petrina, que AGOSTINHO, *Comentário ao Evangelho de S. João* 66,2 [PatrPaulus 47/2, 2022], diz ser uma excusa de favor perverso, e que JERÔNIMO, *Comentário ao Evangelho de Mateus* 4,26,72 [PatrPaulus 44, 2021], já havia rejeitado como interpretação inconsistente de um afeto piedoso. Mas nem Agostinho nem Jerônimo atribuem-na diretamente a Ambrósio, que provavelmente a aprendeu de HILÁRIO DE POITIERS, *In evangelium Matthaei commentarius* – doravante *in Mt.* – 32,4 [PL 9,1071]. Geralmente, nestas páginas, as seguintes siglas entre colchetes indicam as edições de que nos servimos, como tem se tornado costume entre patrólogos, com seu volume e página ou coluna, e identificam as seguintes séries: CCL = Corpus Christianorum – Series Latina; CSEL = Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum; PL = Patrologia Latina; e a abreviação PatrPaulus identifica a Coleção Patrística, publicada por esta casa, e indica, entre volume e página, também o ano de publicação.

⁶ *Translatio homiliarum XXXIX Origenis in evangelium Lucae*, Prologus [PL 26,219A] e *Epistula* 121,6,22 [CSEL 56,26] (cf. também *ep.* 121,6,15 [CSEL 56,24]).

⁷ Cf. M. SIMONETTI, “Comentários Bíblicos”, em A. DI BERARDINO (org.), *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulus, 2002 – doravante DPAC –, p. 315-316, p. 315, onde a definição, de fato, consta “como uma obra dedicada à ilustração sistemática de um livro inteiro da Bíblia ou de uma seção orgânica deste, e composta interpretando o texto sacro versículo por versículo”. Particularmente “em relação às *Quaestiones* [...] e às *Homilias* [...]”. Mas Santo Ambrósio não comenta o texto de São Lucas versículo por versículo (cf., abaixo, *Divisão e método*, p. 20).

horizonte, pois, obviamente, que se situa a *Expositio evangelii secundum Lucam*, título sob o qual a obra ambrosiana circula desde muito cedo⁸ e que os estudiosos costumam reconhecer como atribuído pelo próprio autor, sendo o mais comum na tradição manuscrita.⁹

Expositio tem, entre outros, o significado de explicação, interpretação, exegese, particularmente de textos das Sagradas Escrituras,¹⁰ cujo lugar privilegiado de exposição é a assembleia litúrgica, reunida particularmente no domingo,¹¹ à qual o autor apela¹² e a quem lembra a leitura há pouco feita, bem como uma celebração recente.¹³ É certo, portanto, que o livro sobre o Evangelho de S. Lucas, cuja escrita Ambrósio anuncia,¹⁴ tem origem em pregações ao povo; nasceu de homilias, nas quais o Santo Bispo de Milão expunha oralmente aos fiéis o conteúdo do Evangelho de Lucas¹⁵ – com excessão do livro 3.¹⁶ Mas não ao modo das

⁸ *De gratia Christi et peccato originali* 1,48 [CSEL 42,160] (“audiat ergo illum uenerabilem antistitem [Ambrosium] dicentem et docentem in secundo libro expositionis euangelii secundum Lucam”). Não é impossível que, diversamente dos contextos em que Jerônimo se refere à obra, a polémica exigisse de Agostinho a identificação inequívoca da obra ambrosiana.

⁹ Cf. CCL 14, 1957, p. X*-XI*; I; 1. Acerca da tradição manuscrita, vejam-se *ibid.*, p. IX*-XV*; CSEL 32/4, 1902, p. XVIII-XXXX; e G. COPPA, *op. cit.*, p. 60-63, que comenta os precedentes e contempla também as primeiras edições.

¹⁰ Cf. vozes “expono” e “expositio”, em A. BLAISE, *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*, Turnhout: Brepols, 1993, p. 333.

¹¹ Cf. 8,90. Indicações como essa que se acaba de fazer, em que não constam obra e autor, referem-se normalmente a livro e parágrafo do *Com. Lc.* ambrosiano.

¹² Cf. 2,26.44; 7,40.188; 9,10.

¹³ Cf. 7,202; 8,73.76-77; 10,82.132; 4,76 (a Epifania).

¹⁴ Prólogo,1.

¹⁵ A esse respeito, contudo, é preciso destacar um ponto importante – o leitor familiarizado com nossas introduções a e abordagens de textos semelhantes já o sabe, mas não nos cansamos de repetir –: comentários bíblicos patrísticos, genericamente, não correspondem propriamente à ideia contemporânea de comentário bíblico, e, igualmente, a exegese patrística não corresponde à exegese contemporânea.

¹⁶ Cf., abaixo, *Divisão e método*, p. 16.

homilias seriais – aquelas pregadas consecutivamente sobre determinado livro bíblico –, pois, além de grandes lacunas,¹⁷ outros indícios de pregação apontam um arco cronológico amplo e incerto, que pode superar um decênio.¹⁸

Com efeito, “acontecimentos presentes” evocados em 2,37, por exemplo, podem referir-se a 377/378 ou a cerca de dez anos depois (387).¹⁹ Em 7,52-53, Ambrósio refere-se a Auxêncio, bispo ariano de Milão, e os ardis de seus pactos políticos na difusão da heresia. Trata-se, portanto, do período do empenho ambrosiano em favor da ortodoxa fé nicena, isto é, entre 384 e 386. Mais adiante, em 178, nesse mesmo livro 7, o Bispo menciona os mártires Félix, Nabor e Vítor, mas silencia quanto a Gervásio e Protásio, mártires cujos corpos foram encontrados na igreja de Félix e Nabor em 386. Essa passagem, portanto, é anterior a esse fato.

Por outro lado, em 8,73 o pregador oferece um dado biográfico que permite datar com certa precisão a referida passagem: lembra a seus fiéis o aniversário de sua ordenação episcopal. Ambrósio foi ordenado em 7 de dezembro de 374²⁰ – ou um ano antes, 373²¹ –, um domingo, provavelmente;

¹⁷ Cf., abaixo, *Divisão e método*, p. 18-19.

¹⁸ Veja-se, além do que segue, à n. 1 ao Prólogo, síntese da discussão sobre a cronologia da obra.

¹⁹ Cf, abaixo, *loc. cit.*, n. 87.

²⁰ Cf. A. PAREDI, *Saint Ambrose, his life and times*, University of Notre Dame Press, 1964, p. 124 e sua n. 22, à p. 393; N.B. McLYNN, *Ambrose of Milan: church and court in Christian capital*, University of California Press, 1994, p. 3, n. 8.

²¹ Cf. H. DROBNER, *Manual de patrologia*, Petrópolis: Vozes, 2020, p. 330. No entanto, para F. HOMES DUDDEN, *The life and times of St. Ambrose*, 2 vol., Oxford University Press, vol. 1, 1935, p. 68, n. 5, a ordenação episcopal de Ambrósio deu-se aos 1º de dezembro de 373. Veja-se ulterior bibliografia acerca da discussão quanto à datação da ordenação do Mediolanense em M. G. MARA, “Ambrosio de Milán”, em A. DI BERARDINO (org.), *Patrología*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, vol. 3 [*La edad de oro de la literatura patristica latina*], 1993³, [sub cap. 3: “Ambrosio de Milán, Ambrosiaster y Nicetas”], p. 166-211, p. 167 e 173-175.

e porque ele nos permite saber também que é num domingo que profere a homilia (8,90), os cálculos levam a datá-la dos 7 de dezembro de 385²² – ou um ano antes, 384.²³ Mas no livro seguinte, em 9,32, há um “hino de louvor” à paz religiosa, que é do outono de 388, quando, sob a regência do imperador Teodósio, o império é reconduzido à unidade católica com a supressão das leis pró-arianas de Valentiniano II.²⁴

Finalmente, porém, em 10,10, o Santo Bispo evoca novamente eventos contemporâneos: as batalhas de hunos, alanos, godos, taifalos e sármatas, bem como os exílios dos romanos no Ilírico; e mais uma vez, os acontecimentos podem ser de 378/379²⁵ ou de quase dez anos mais tarde (387/388).²⁶

Embora esses acenos à realidade presente – que o pregador interpreta para seus ouvintes à luz das Escrituras, juntamente com outros referimentos cronológicos – permitam situar as pregações em um período delimitado (377–388), ao elaborá-las para publicação, Ambrósio faz retoques e acréscimos²⁷ que dificultam precisar tanto a delimitação de cada homilia quanto a sua cronologia.²⁸ A elaboração final da interpretação ambrosiana de determinadas passagens lucanas pode conter elementos de várias pregações²⁹

²² Cf. G. COPPA, *op. cit.*, p. 21, n. 51. Ou a datar, pelo menos, parte dessa homilia. Cf., a esse respeito, logo abaixo, n. 28.

²³ Cf., abaixo, *loc. cit.*, n. 198.

²⁴ Cf. F. HOMES DUDDEN, *op. cit.*, vol. 2, p. 693.

²⁵ Cf., abaixo, *loc. cit.*, n. 33.

²⁶ Cf. G. COPPA, *op. cit.*, p. 22.

²⁷ Cf., abaixo, *Divisão e método*, p. 15-16.

²⁸ Para G. COPPA, *op. cit.*, p. 22-23, a identificação feita por J.-R. Palanque (*Saint Ambroise et l'Empire romain. Contribution à l'histoire des rapports de l'Église et de l'État à la fin du quatrième siècle*, Paris: de Boccard, 1933, p. 529-536) do número, extensão e datação de cada homilia é muito exagerada e contém conclusões hoje contestadas. Infelizmente, até o momento de enviar ao prelo este texto, não conseguimos acesso à obra de Palanque.

²⁹ Cf. G. TISSOT, *op. cit.*, vol. 1, p. 11.

não identificáveis. Diversamente dito, a interpretação de determinada perícope pode conter, na definitiva redação ambrosiana, tanto uma consideração interpretativa do ano 377 quanto uma do ano 387; afinal, é difícil não considerar que, ao longo de toda sua atividade de pregador, Ambrósio tenha abordado várias vezes um mesmo texto ou matéria evangélica; e, ao fazê-lo, um elemento interpretativo pode ter se mantido ao longo de sua vida, bem como pode ter mudado alguma vez, pelo menos.

Por fim, a redação final deu-se de uma só vez ou por etapas? Não é impossível que Ambrósio, de um fôlego, fizesse os retoques e os acréscimos para a publicação da obra pelo fim de 389/início de 390. Como base, porém, para afirmar-se tal datação, não temos mais que a maturidade de nosso santo autor, a que se acena pela cronologia de suas obras, atingida por esse tempo.³⁰

Os retoques eliminariam muitas repetições, desnecessárias no texto proposto a comentar todo – ou quase todo – um livro bíblico, mas que seriam inevitáveis na apresentação oral, particularmente em várias e de tempos distintos. Os acréscimos permitiriam indicar desenvolvimentos não aprofundados nessas exposições orais, por isso as referências às próprias obras – referências, porém, que não determinam ou facilitam a datação –, que o autor mesmo faz.³¹

Divisão e método

Há, contudo, uma série de quatro outros acréscimos autorais que dão à obra o caráter de unidade compositiva

³⁰ Cf. G. COPPA, *op. cit.*, p. 24 e sua n. 67.

³¹ Cf., por exemplo, 2,62; 4,48ss e 10,6, onde indica seu *De viduis*; em 7,127, seu *De spiritu santo*; e, em 7,237-238, a introdução do canto de hinos.

de um só fôlego: o Prólogo, o livro 3, os parágrafos 1-6 e 104-109 do livro 4, os parágrafos 147-184 do último livro (10).³² Mas tais acréscimos dão também a ideia de como Ambrósio concebia, no momento da redação final da obra, o conteúdo do evangelho, sua mensagem, como realidade histórica unitária, não só no texto de Lucas como também em sua relação com os demais evangelhos, particularmente os sinóticos, e em sua relação com a história humana em geral. Essa concepção aglutina a obra em sua unidade compositiva, não obstante suas lacunas e a obscura questão de sua divisão em livros desproporcionais.

Após um Prólogo, composto para explicar o símbolo do terceiro evangelho e apresentar o conteúdo das Escrituras segundo as partes da filosofia – como então se pensava que a tivesse dividido Platão –, mas cuja sabedoria é superior à do mundo, tem-se o livro 1, que, qual análise do Prólogo do terceiro evangelho, praticamente constitui uma segunda introdução ao texto lucano. Já o livro 2 lida com eventos de Lc 1–3, concentrando-se basicamente naqueles entre, e inclusive, a anunciação e o batismo do Senhor.

O livro 3 não tem sinal algum de ter pertencido a uma pregação. Pelo contrário, parece preparado como resposta a algum questionamento específico de um irmão anônimo³³ acerca da genealogia de Jesus, que, qualquer que tenha sido, é respondido com as passagens de Lucas e Mateus paralelamente.

O livro 4 tem nos parágrafos 1-6 uma inserção para fazer a transição do livro 3 para o conteúdo do livro 4, que,

³²Veja-se logo abaixo, no texto, e, quanto às inserções ambrosianas para publicação, sobre quais os estudiosos nem sempre concordam, vejam-se sínteses em CCL 14, p. VII*, n. 2, juntamente com G. COPPA, *op. cit.*, p. 23-24 e suas notas 64-65.

³³Cf. 3,50; TISSOT, *op. cit.*, vol. 1, p. 119, n. 1; e, logo abaixo, n. 43.

de Lc 4 e 5, trata, mais especificamente, de dois grandes temas: as tentações do Senhor no deserto, e o jejum como matéria conseqüente, e o início da vida pública de Jesus e sua atividade na Galileia. A partir do ministério de Jesus, o Mediolanense aproveita para inserir algumas considerações de metodologia catequética (104-109).

Algo maiores são os livros 5 e 6, que retomam atividades de Jesus descritas respectivamente em Lc 5-7 e Lc 7-9. Mas muito maior é o livro 7, constituído de Lc 9-16, que, a começar pela transfiguração, dedica-se à jornada do Senhor para Jerusalém, que continua no livro 8 com parábolas e milagres dele descritos em Lc 16-19.

No livro 9, Jesus está em Jerusalém. De Lc 19-20, o texto dedica-se à sua entrada na cidade, a seu enfrentamento com os vendilhões no templo e à questão das taxas devidas a Roma, à polêmica com os saduceus sobre a ressurreição.

Por fim, o livro 10, com conteúdo de Lc 20-24, trata do anúncio e dos eventos da paixão, morte e ressurreição do Senhor, suas aparições e sua ascensão. Nesse livro, o Mediolanense insere os parágrafos 147-184, redigidos como estudo sobre a unidade dos eventos descritos quanto à ressurreição, não só nos sinóticos, mas nos quatro evangelhos.

Essa divisão da obra em dez livros, tal qual temos também nesta edição, parece ter-se tornado comum sobretudo a partir de sua primeira publicação impressa (Basileia: Johannes Amerbach, 1492). Até então, porém, a tradição manuscrita não concorda na quantidade de livros da obra nem na extensão desses livros. O livro 7, por exemplo, que é, sozinho, o maior de todos, encontra-se unido ao seu precedente (6) em algum manuscrito; ao passo que o livro 9, o menor de todos tal qual temos hoje, encontra-se dividido em algum outro.

SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	9
Comentário ao Evangelho de São Lucas.....	37
Livro 1	
(Lc 1,1-25)	45
Livro 2	
(Lc 1,26–3,22)	81
Livro 3	
(Lc 3,23-38)	149
Livro 4	
(Lc 4,1–5,11)	193
Livro 5	
(Lc 5,12–7,28)	243
Livro 6	
(Lc 7,29–9,22)	309
Livro 7	
(Lc 9,27–16,13)	371
Livro 8	
(Lc 16,14–19,27)	507

Livro 9

(Lc 19,29-20,28) 565

Livro 10

(Lc 20,42-24,37) 587

1. *Padres apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna;
O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmias
3. *I e II apologias e diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lion
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios*
– *Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *A Trindade*, Santo Agostinho
8. *O livre-arbítrio*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Solilóquios – A vida feliz*, Santo Agostinho
12. *A graça I*, Santo Agostinho
13. *A graça II*, Santo Agostinho
14. *Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem*
– *Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – A santa virgindade – Dos bens da viuvez*
– *Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *A doutrina cristã*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador*
– *Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antônio*, Santo Atanásio
19. *A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentário ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus*
– *Cartas a Olimpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – A ordem – A grandeza da alma – O Mestre*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas –*
Explicação incoada da carta aos Romanos, Santo Agostinho
26. *Examerão – Os seis dias da criação*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a epístola aos Romanos – Comentários*
sobre a epístola aos Gálatas – Homilias sobre a epístola aos Efésios, São João Crisóstomo
- 27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homilias*
sobre a Segunda carta aos Coríntios, São João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo,*
a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon,
aos Hebreus, São João Crisóstomo
28. *Regra pastoral*, Gregório Magno
29. *A criação do homem – A alma e a ressurreição – A grande catequese*, Gregório de Nissa
30. *Tratado sobre os princípios*, Orígenes
31. *Apologia contra os livros de Rufino*, São Jerônimo
32. *A fé e o símbolo – Primeira catequese aos não cristãos – A continência – A disciplina cristã*,
Santo Agostinho
33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lion
34. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes

- 35/1. *Obras completas I*, Cipriano de Cartago
- 35/2. *Obras completas II*, Cipriano de Cartago
- 36. *O sermão da montanha – Escritos sobre a fé*, Santo Agostinho
- 37. *A Trindade – Escritos éticos – Cartas*, Novaciano
- 38. *Homilias – Comentário sobre o Cântico dos cânticos*, Orígenes
- 39. *A mentira – Contra a mentira*, Santo Agostinho
- 40. *A natureza do bem – O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças*, Santo Agostinho
- 41. *A Simpliciano – Réplica à carta de Parmeniano*, Santo Agostinho
- 42. *Tratado sobre o batismo*, Santo Agostinho
- 43. *Retratações*, Santo Agostinho
- 44. *Comentário ao Evangelho de Mateus*, São Jerônimo
- 45. *A música*, Santo Agostinho
- 46. *Apologético – O pálido*, Tertuliano
- 47/1. *Comentários a São João – I: Evangelho (homilias 1-49)*, Santo Agostinho
- 47/2. *Comentários a São João – II: Evangelho (homilias 50-124) – Primeira Epístola*, Santo Agostinho
- 48. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*, Santo Ambrósio